



TEM TRUKÁ NA ALDEIA: NARRATIVA DE UM TRABALHO DE CAMPO NA ILHA DE ASSUNÇÃO, CABROBÓ-PE

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

Departamento de Geociências/Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB

“Tem que ser todos um corpo só. Temos que cuidar de nós todos, de nosso costume. Nosso costume é dançar Toré. Não é o samba, o pagode ou o forró. O Toré dá todo ensinamento a nós. (...) Sem o Toré não teria mais a raça do índio”¹.

Resumo

Neste ensaio apresentamos uma discussão sobre o trabalho de campo ao mesmo tempo em que enfatizamos o debate realizado por diversos pesquisadores da área de Ciências Humanas e Sociais a favor dessa prática acadêmica. Nosso objetivo nessa narrativa é ampliar o olhar na direção desse exercício tão necessário à pesquisa geográfica. Empreendemos também, ao longo do texto, um diálogo com a literatura existente sobre o tema numa perspectiva interdisciplinar, ao mesmo tempo em que relatamos acontecimentos e encontros relativos a um ponto de parada, parte de um roteiro maior de um trabalho de campo que deu suporte a tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, no ano de 2001².

Palavras-chave: trabalho de campo, pesquisa geográfica, perspectiva interdisciplinar, roteiro, sertão.

Resumen

Presentamos en este ensayo una reflexión sobre el trabajo de campo y al mismo tiempo enfatizamos el debate realizado por diversos investigadores del área de Ciencias Humanas y Sociales a favor de esta práctica académica. Nuestro objetivo en esta narrativa es ampliar nuestra mirada en la dirección de tal ejercicio tan necesario para la investigación geográfica. También iniciamos, a lo largo del texto, un diálogo con la literatura existente sobre el tema desde la perspectiva interdisciplinar y relatamos los acontecimientos y encuentros relativos a un punto de parada, parte de una ruta mayor de un trabajo de campo que dio el soporte a la tesis de doctorado presentada en el Programa de Pos-grado en Geografía de la Universidad de São Paulo, en el año de 2001.

Palabras-claves: trabajo de campo, investigación geográfica, perspectiva interdisciplinar, ruta, sertão.

Introdução

Sabe-se que os debates acerca do trabalho de campo têm ocupado lugar de destaque no âmbito das ciências humanas. Das questões éticas aos procedimentos que possibilitam a realização de uma boa etnografia, as discussões relativas a esta temática oscilam. Desse modo, mesmo ciente de que, na contemporaneidade, a natureza encontra-se devastada e que não há mais espaços a conquistar, o entendimento da sociedade em sua dinâmica exige do pesquisador a atualização dos registros sobre a mesma e esses registros, por sua vez, ampliam-se por ocasião da pesquisa de campo, ensejando novas interpretações da realidade.

De fato, descobrir novas terras ou novas etnias é algo que há muito não se coloca como possibilidade. Ilustrativo desta afirmativa é o relato de Lévi-Strauss (1998), no livro *Tristes Trópicos* desolado diante da dizimação e da decadência das sociedades primitivas da América por ele visitadas e pesquisadas nos anos 40 do século XX. No que diz respeito à ampliação dos conhecimentos a partir do trabalho de campo, o relato desse autor é bastante elucidativo. Outras pesquisas, na mesma linha de reflexão explicitada, como a de Evans-Pritchard (1978), sobre *Os Nuer* ou as de Clifford Geertz (1998) sobre Bali, Marrocos e Java são ricas em informações e reflexões que permitem repensar a complexidade e os limites de um trabalho de campo.

A despeito do sentimento de desilusão, amplamente divulgado através dos relatos de viagens que marcam, por vezes, as situações de contato, é mister salientar que o campo coloca-se para o geógrafo como um laboratório, onde se busca através da descrição e da interpretação, contribuir para o fortalecimento do corpo de enunciados da Geografia. Interessa, portanto, a essa ciência, o registro de acontecimentos, práticas culturais e questões ambientais que traduzam a relação sociedade-natureza em sua diversidade e particularidades, não cabendo, neste exercício, nenhum tipo de divisão do saber.

Para fundamentar a construção dos roteiros de viagens uma série de leituras foi feita com vistas ao entendimento do processo de ocupação territorial do Brasil. Essas leituras situam-se, especialmente, no campo da História Econômica, da Geografia³, da Antropologia e da Literatura, merecendo registro algumas cujo eixo central é o relato de experiências vividas no campo por viajantes, geógrafos⁴ e antropólogos. Foi a partir das experiências relatadas por esses pesquisadores que defini, para esta fase da pesquisa, os procedimentos éticos e metodológicos a serem adotados no campo.

Com o objetivo de realizar satisfatoriamente o trabalho de campo, li e considerei, no âmbito da ciência geográfica, diversos relatos e discussões sobre esse tema⁵. Contudo, interessei-me particularmente pelas leituras de cunho metodológico. Autores como Leo Waibel (1958), Yves Lacoste (1985), Orlando Valverde (1985), B. Kayser (1985), Armando Corrêa da Silva (1982), Arioaldo Umbelino de Oliveira

(1991), Regina Sader (1986), contribuíram para um melhor entendimento da prática do trabalho de campo, seja na discussão específica desse tema, seja através de outras leituras de pesquisas desses autores; estudos de casos, artigos, teses.

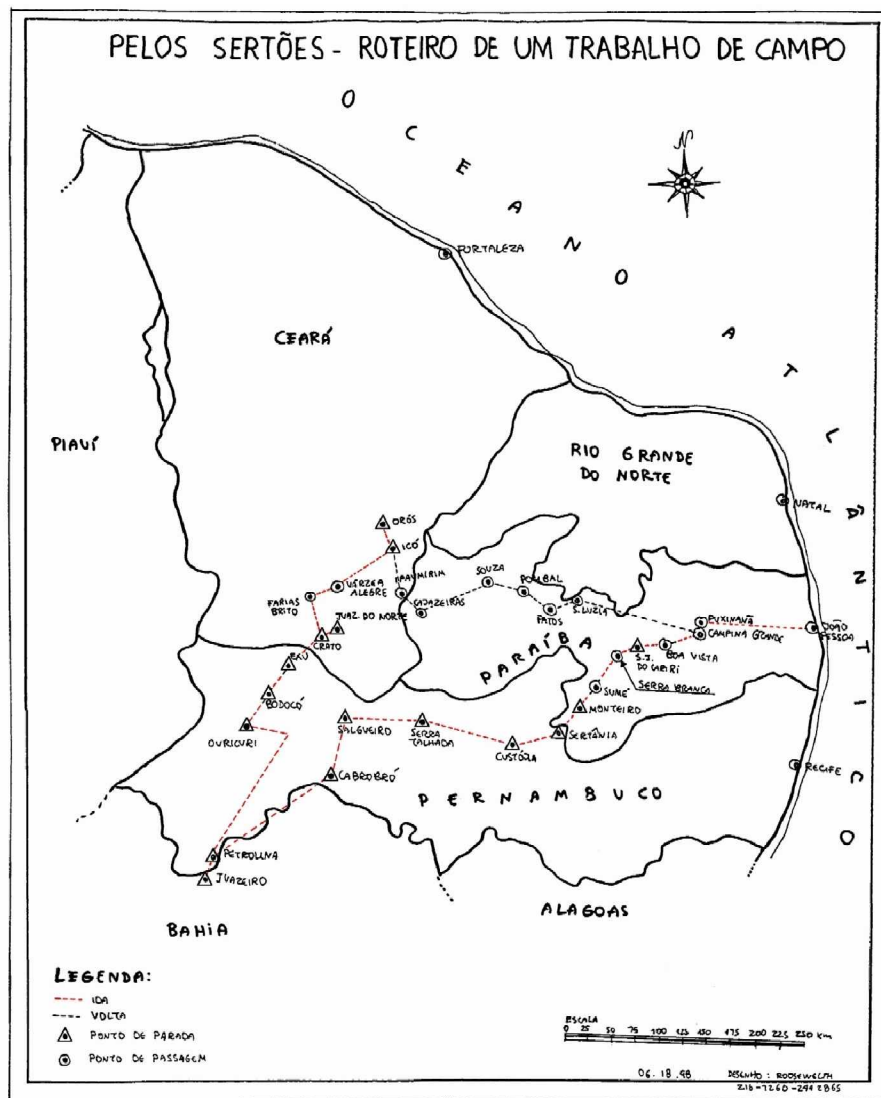
No campo da antropologia, lemos uma diversidade de pesquisas que discutem o trabalho de campo, seja abordando-o em seus aspectos teórico-metodológicos, seja tendo como eixo os relatos etnográficos e as discussões acerca do uso da fotografia. Entre os trabalhos lidos destaco Godolpim (1995), Samain (1995), Da Matta (1993), Zaluar (1988), Collier Junior (1973) Sherer (1996) e Travassos (1996).

Contribuiu para a definição do roteiro as experiências relatadas por viajantes e pesquisadores. Quanto à escolha dos lugares a serem visitados, parti das experiências históricas que os qualificam como sertão, mas, sobretudo, das suas representações presentes comumente na literatura erudita, na literatura de cordel, na fotografia e no cinema. A partir desses referenciais e do registro de traços culturais, símbolos e iconografias reconhecidos como integrantes da cultura sertaneja, defini os roteiros e os procedimentos metodológicos⁶ que considere necessários ao bom andamento do trabalho de campo “pelos sertões”.

Foi também significativo o aprendizado obtido através das leituras de textos sociológicos e antropológicos acerca dos procedimentos a serem adotados nas situações de contato, assim como as informações necessárias ao registro de imagens⁷ e os limites postos a este tipo de registro.

Todos os procedimentos adotados tiveram em vista a importância do trabalho de campo para a geografia. Nesse sentido foi que o encaminhei *pari passu* à concretização da pesquisa em seu todo. O percurso realizado deve ser entendido desde a preparação da viagem e delimitação dos roteiros até a sistematização das informações coletadas⁸.

Figura 01: “Pelos sertões: roteiro de um trabalho de campo”

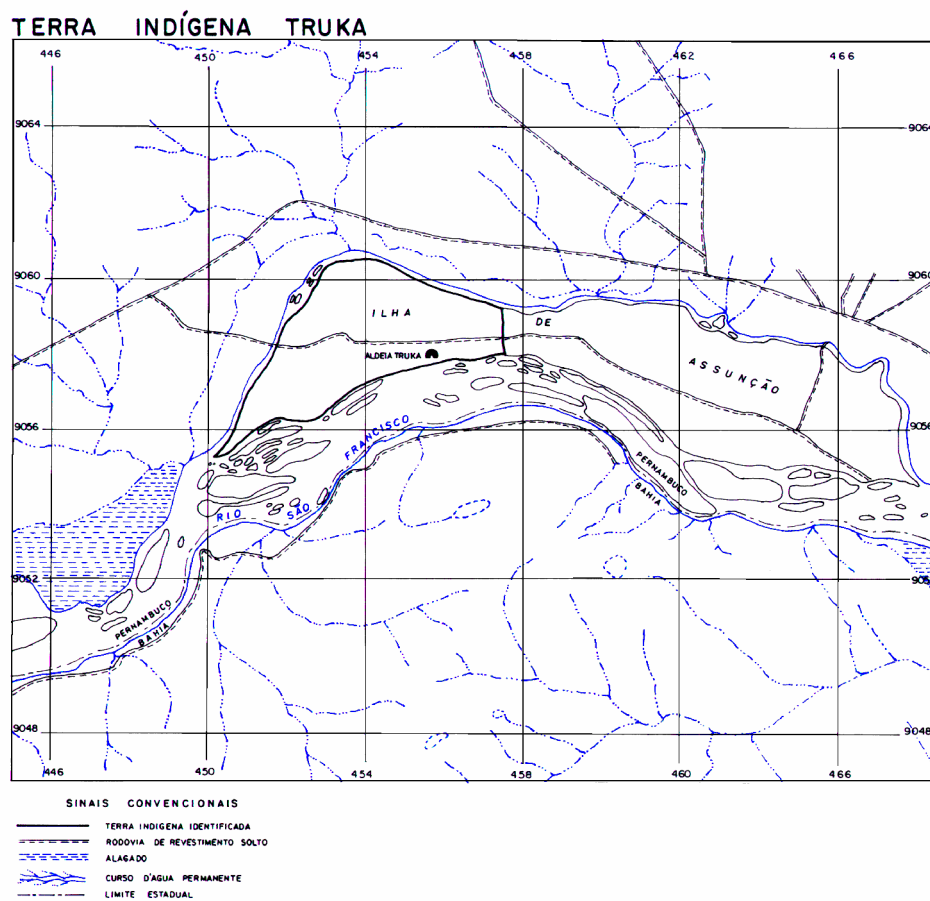


Desenho: Roosevelt.

Os lugares que compuseram o roteiro de campo “pelos sertões”, que se estendeu de João Pessoa, passando pelo interior desse estado, seguindo por Pernambuco até Juazeiro da Bahia e, prosseguindo novamente por outra rota de Pernambuco, Ceará e Paraíba até o retorno a João Pessoa, guardam um referencial comum. Foram eles pontos de passagem ou entroncamentos, lugares onde se realizam ou se realizavam feiras de gado e vaquejadas e por onde, tendo à sua frente os tangerinos, passavam os grandes rebanhos bovinos em busca de novos mercados,

daí a denominação *Caminhos do Gado*, que definiram novos territórios e desterritorializações.

Figura 02



Fonte: Adaptado de BATISTA, Mercia Rejane Rangel. *De caboclos da assunção a índios Truká* (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1992 p. 06.

Desenho: Joana Correia de Oliveira Alves. Organização: Maria de Fátima Ferreira Rodrigues e João Bosco Nogueira.

O ponto de parada escolhido para compor esse ensaio foi a Tribo Truká residente na ilha de Assunção – também um dos pontos de parada da viagem “pelos Sertões”.

A Ilha de Assunção é morada e abrigo da Tribo Truká, município de Cabrobó-PE e assim sendo vale destacar as descobertas e emoções de um encontro com os índios do sertão que nos levaram a outros contatos e, posteriormente, a um retorno a essa mesma tribo com nossos alunos do curso de geografia da UFPB juntamente com outros colegas docentes⁹.

Colocados os pressupostos que fundamentaram em seu todo, a realização do trabalho de campo, segue-se o relato¹⁰ num tom de "prosa", pois acredito que a informalidade assegurará leveza ao conjunto das informações e questões discutidas num exercício dessa natureza.

Histórias de "um" campo: resistência e "incantos" dos Truká

Já havíamos saído de João Pessoa há três dias quando chegamos em Cabrobó-PE. O relógio marcava dezenove horas do dia 26 de junho de 1998. A causa dessa demora não foi a quilometragem percorrida, mas a permanência nas paradas anteriores. Como estávamos bastante cansados, fizemos um breve passeio pelo perímetro urbano, jantamos e resolvemos dormir mais cedo.

Já chegamos com a história da cidade em nossas anotações e memória. Retomemos, pois, o sentido do topônimo que deu origem à cidade. Segundo a literatura e depoimentos Cabrobó significa, etimologicamente, "mato ou árvore de urubu, ou lugar de cobras negras". O município está localizado na microrregião de Petrolina – mesorregião do São Francisco pernambucano. A cidade se situa à margem esquerda do rio São Francisco, a 325 metros de altitude.

O povoamento de Cabrobó começou por volta de 1762 com o aldeamento de Assunção, cuja origem assenta-se nos Cariris.

Não se tem certeza sobre a fundação da aldeia de Assunção, sendo como data citada o ano de 1722, tendo sido uma obra dos missionários católicos. No entanto, pelo que lemos em Prata (1952 *apud* Batista, 1992) e Nantes (1952 *apud* Batista, 1992), a data provável recuaria ao final do século XVII, pois os Carmelitas entregaram suas missões aos Capuchinhos em 1701 e Nantes faz referência à fundação de um aldeamento na ilha do Pambu.

[...] Galvão (1908:38) ao escrever o verbete sobre a ilha diz que a aldeia de Assunção tomou esse título em 1722 e que foi constituída em vila no ano de 1761. As esparsas informações encontradas sobre as décadas seguintes apontam, segundo o autor, para a diminuição de sua população (em 1716, possuía mais de 100 fogos e mais de 270 casas; em 1789, possuía 400 pessoas, em 1817, possuía 154 indígenas e, em 1853, possuía 620 índios) e para a destruição das construções como decorrência da enchente de 1792) (BATISTA, 1992, p. 70/71).

Sabedores dessas informações e cheios de curiosidade sobre Cabrobó acordamos cedo no dia seguinte para assistirmos ao nascer do sol nessa cidade. Logo cedo pessoas e carros circulavam na avenida principal que tem no centro belos canteiros onde os pedestres circulam tranquilamente. Fizemos algumas fotografias e filmagens e, por indicação de alguns moradores locais, fomos procurar o Senhor Gildenor Pires que era na ocasião Secretário de Cultura e Turismo do Município. Esse senhor nos recebeu com educação, porém, com

evasivas. Não quis gravar entrevista, nem nos forneceu nenhum documento ou fotografia que ajudasse em nossa pesquisa. Nenhum dado que nos ajudasse na compreensão do processo de povoamento ou mesmo da história recente do município. Ressaltando sempre a sua falta de tempo, nos disse, contudo, da importância de conversarmos com os índios Truká da Ilha de Assunção. Para facilitar o nosso contato com essa tribo, ele nos levou até a ponte sobre o Rio São Francisco, onde nos indicou a entrada para a tribo e retornou às suas atividades.

IMAGENS-TESTEMUNHOS: ASPECTOS DA VIDA COTIDIANA E DA HISTÓRIA DOS TRUKÁ DA ILHA DE ASSUNÇÃO-PE



Portão de entrada da área indígena: ponte sobre o rio São Francisco.



Na entrada da aldeia: mensagem e testemunho.



Casa com uma água: habitação comum na aldeia e, na porta, criança com o dedo na boca aguarda os visitantes.



Oca: testemunho de como moravam os ancestrais.



Vista parcial de um arruamento na aldeia.



Casas conjugadas, bem ao estilo sertanejo.



Crianças brincando na aldeia.



Criança Truká pousa para a foto em frente à própria casa.

Os Truká são habitantes da ilha de Assunção desde tempos imemoriais. Sua presença nessa localidade é registrada desde as primeiras crônicas de viagem. Sobre os Truká e o lugar onde estão instalados, Batista (1992, p. 01) nos informa que:

A ilha tem uma área total de 6000 ha, aproximadamente, sendo a maior ilha do rio São Francisco. A população total dos Turká¹¹ é estimada pela FUNAI em 900 índios, embora no decorrer do nosso trabalho tenhamos feito uma estimativa diferente. (...) A área identificada como sendo de ocupação imemorial é de 1650 ha, estando ocupada parcialmente por posseiros. Como atividades econômicas principais temos a agricultura, com plantações de arroz, feijão, legumes e frutas com vistas à produção de um excedente comercializável e que serve para o abastecimento do mercado das cidades mais próximas, como Cabrobó, Orocó, Belém de São Francisco.

Chegamos à entrada da tribo Truká por volta de nove horas. Seguimos apreensivos e curiosos acerca de como seríamos recebidos por esse povo. Fomos recepcionados por Ailson, filho da Dona Lurdes, chefe da tribo, naquele período. Através do Ailson e enquanto aguardávamos a resposta se seríamos recebidos por sua mãe, ficamos ouvindo um pouco da história deste povo e conhecendo alguns objetos artesanais feitos por eles próprios, como: colares, pujá, atavi, dentre outros usados em seus rituais, principalmente no toré.

A resposta a nossa solicitação chegou de forma positiva, de modo que não só entrevistamos Ailson e dona Lurdes, como também seu esposo, que era, na ocasião, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabrobó. Tivemos oportunidade, também, de conhecer Dona Rosa, a índia mais velha da tribo, que contava, em junho de 1998 com 91 anos, e estava completamente lúcida. Almoçamos com a Dona Lurdes e seus familiares, carne de bode cozida, farofa, feijão de corda e arroz. Todos os componentes da refeição, por eles servidos, era

fruto do trabalho da tribo e foi produzido na própria ilha. Sobre esse produto e seu potencial econômico o Poratim (2005) informa:

“A maior cultura da ilha é o arroz. Os Truká contam com orgulho que são os maiores rizicultores de Pernambuco e que o seu grão costuma ser até 30% maior do que a média do arroz que vem de outros estados. Para eles, reafirmar sua capacidade de produção e as quantias produzidas é uma forma de se contrapor ao preconceito que sofrem na região. Atualmente, são cultivados 2000 hectares de arroz. Cada hectare produz cerca de 6000kg, segundo os indígenas. ‘A nossa produção alimenta a cidade e ainda dizem que a gente não faz nada, reclama a liderança Adenilson Santos Vieira, o Dena’”.¹²

De fato os Truká são orgulhosos de sua produção de arroz e dos demais cultivos e criatórios. Sentem orgulho com a mesma intensidade de sua cultura e não perdem oportunidade de apresentar aos visitantes os rituais mais importantes e que os caracterizam como povos indígenas. Por isso nosso prêmio maior naquela data foi obtermos autorização para assistir e registrar o Toré.

O Toré entre os Truká é também chamado de “Folguedo dos índios”. Na compreensão do grupo este ritual é encarado enquanto uma diversão ou festejo típico dos “Caboclos” e consiste numa reunião de um grupo de dançadores, cantores e assistentes, que se reúnem num local aberto, com o objetivo de “se divertirem”.

[...] A dança consiste numa coreografia variada, indo da simples marcação de uma batida com o pé direito e o arrastar do pé esquerdo, deslocando-se o corpo para o lado até trocar-se de posição com o parceiro do lado, até operações mais complexas, onde os dois se abaixam, se levantam, batem o pé direito e vão puxando sua fileira para o final, de forma a se constituir uma evolução sincronizada” (BATISTA, 1992, p. 173-177).

Naquela noite o Toré, que ocorre regularmente na aldeia, teve muito de improvisação, mas a animação foi geral. Participaram do ritual idosos, jovens e crianças e até nós, a certa altura, fomos convidados a participar desse folguedo.

O Toré, para os povos ressurgidos, antes do “dar-se a conhecer” para a sociedade envolvente, era praticado apenas por algumas famílias “detentoras” desse conhecimento. A partir de sua apresentação pública, como povos diferenciados, passa a fazer parte dos deveres cotidianos desses povos, suas comunidades e seus indivíduos. No que se refere as suas obrigações espirituais, o Toré passa a ser elemento de iniciação infantil, delimita funções e atribui privilégios tanto no plano social como no espiritual no

interior do grupo. A complexidade sócio-político-religiosa existente no Toré é o elemento central aglutinador entre os povos indígenas do Nordeste, seu caráter ritual implica dois universos principais: o Toré de ordem pública e o de ordem "particular", isto é, o ritualístico.

O primeiro está relacionado a sua etnicidade, é público, é o "nós estamos aqui", pintados e com cocar para mostrar que "somos índios"; dessa forma se apresentam com suas vestimentas em eventos políticos e religiosos. O segundo, sem seus elementos visuais, é praticado no "terreiro", na aldeia e dele participam todos os integrantes".¹³

Durante todo o ritual que vivenciamos naquela noite sob a luz das estrelas e acariciados pela brisa do "Velho Chico", a música entoada pelos índios fez-se acompanhar apenas pelo som do maracá e das fortes pisadas dos participantes. Ficou evidenciada a animação dos mais velhos da tribo que dançaram e beberam no decorrer do ritual que se prolongou das dezenove as vinte e duas horas. Naquela ocasião ficou confirmada, a importância do pajé que se manteve à frente do cerimonial, em todo os momentos. A lembrança do Toré dançado pelos Truká vez por outra retorna a nossa memória. Também compõem a memória desse encontro belas fotos e imagens em vídeo por nós produzidas as quais recorreremos com frequência para ilustrar as nossas aulas de Geografia do Brasil.

O "Particular" é um outro ritual praticado pelos Truká, tendo como elemento de destaque a Juremeira que, segundo Dona Lurdes, faz parte dos "incantos". Sobre esse ritual nos fala Batista (1992 p. 189) e nos dá uma descrição minuciosa do mesmo.

Iniciamos com uma descrição do que vem a ser um particular ou Auricuri, ou ainda uma Cienciazinha. Como elemento de maior destaque encontra-se a "juremeira", bebida primordial para este ritual. Ela é obtida através da efusão da casca da raiz Jurema, que foi arrancada com antecedência, acompanhada de orações (padre-nosso, ave-maria e invocações) e uma vela acesa.

Este foi o único momento vedado a observação da pesquisadora, pois foi dito que nenhum não-iniciado tem permissão para assistir a este momento, quando se pede o consentimento da árvore, para a retirada de uma de suas muitas raízes.

Existem muitos tipos de Jurema, mas só uma árvore de Jurema, serve, pois ela traz a força e o conhecimento necessários aos seus seguidores. Esse tipo especial de Jurema

tem essas qualidades porque é o sangue de um índio morto. A jurema que serve é lisa, sem espinhos e branca.

Depois de arrancada a raiz, se for para ser utilizada nos próximos dias, torna-se a enterrá-la, perto do local onde irá ocorrer o Particular, todas as pessoas envolvidas deverão orar e rogar aos seus “espíritos protetores” que tudo ocorra bem e que aqueles que lhes querem fazer mal sejam afastados. Algumas horas antes do início... já que todos são caboclos da ilha.

Apesar de sabermos da existência de remanescentes indígenas na Ilha de Assunção, em Cabrobó, não imaginávamos ao sairmos para o campo que o nosso contato tivesse um desfecho tão interessante. Para nós foi gratificante conhecer e entrevistar os índios Truká, assim como compartilhar do Toré com esse povo¹⁴.

A história dos Truká integra um conjunto de lutas pela retomada das terras indígenas no Brasil. São eles, portanto, um exemplo da resistência pela posse da terra, especialmente da terra indígena no Nordeste brasileiro, sobre a qual Spix e Martius (1986) já afirmavam no século XIX:

Quando os colonos europeus se espalharam da Bahia para a província do Piauí entre os anos de 1674 e 1700, e, mais tarde, nos princípios do século passado começaram a viajar de M. Gerais pelo Rio São Francisco abaixo, foram fundadas diversas missões à margem deste rio, pelos franciscanos, da Bahia. Os pontás e maçaracás foram aldeados em Juazeiro, na Vila Real de Santa Maria, na Vila de Nossa Senhora da Assunção e em Cabroró [sic]; os chucurus, em Orobó. Todavia, não tiveram essas tentativas de civilização um êxito feliz, e, quase todos os índios morreram, ou então se misturaram com portugueses e mestiços. (SPIX e MARTIUS, 1986, p. 216)

Felizmente os Truká desafiaram as marcas do tempo e reintegraram-se como etnia em seu lugar ancestral. A força desse povo na reapropriação do território nos faz recordar antigos pressupostos da ciência geográfica que desde o século XIX através de autores como Ratzel (1990) já propugnava o território como trunfo; do mesmo modo como o ratifica Raffestin (1993) até os dias atuais. Foi tomando-o com este valor que os colonizadores souberam tão bem usar do potencial técnico de que eram detentores para apropriar-se do território brasileiro. Na atualidade os povos indígenas reafirmam a importância do território nos processos de resistência através das manifestações culturais reatualizando seus valores e suas crenças. A defesa dos territórios pelos diversos povos em luta no

Brasil, nos fazem lembrar de alguns geógrafos a exemplo de Haesbaert (2002; 2004), que interpreta os movimentos em defesa do território a partir do conceito de territorialização e suas múltiplas formas de construção e apropriação concretas ou simbólicas do território. Esse autor denomina a “fuga” ou desapropriação do território de desterritorialização; já a reapropriação do mesmo denomina de reterritorialização.

Mestiços, caboclos, aldeados, índios do sertão, assim é que os Truká se reconhecem e buscam reconstruir sua história e lutar pelos seus direitos. De posse de documentos que os identificam enquanto aldeados da ilha de Assunção, retomaram a luta pela terra, por várias vezes iniciadas por seus ancestrais. Com o Toré e o Particular, eles reafirmam a sua identidade indígena, fazendo emergir relações esquecidas “num intenso reencantamento do mundo”¹⁵.

Sobre os índios Truká, podemos afirmar que eles nos deixaram lições de cidadania que merecem ser retomadas a cada dia.

Considerações Finais

“Fico muito emocionado quando ouço dos mais velhos os encantos do Rio São Francisco, eles não conseguem olhar para águas e não se indignar pelo que fizeram com os nossos ‘encantos’, entre barragens, desmatamentos, poluição meu povo chora! Clama pela vida do Velho Chico e o que generosamente distribuiu por todo nordeste. A história de luta e resistência do povo Truká, foi travada nas ribeiras, nas ilhas do São Francisco ele significa pra nós o ser pai. Vida minha, vida sua Corre lá e corre cá. É das pernas desse rio que depende os Truká. Se sair a transposição maior surpresa terão. Por meu pai não respeitar”¹⁶.

Ao retomar estes escritos para a versão inaugural da Revista OKARA fui surpreendida com a notícia de que os Truká estão acampados as margens do São Francisco numa grande mobilização contra a transposição do Rio São Francisco. As razões dos Truká e o que os mobiliza a resistência é de uma racionalidade inquestionável. Eles já perambularam pelas periferias urbanas e com muita garra conseguiram retomar as terras ancestrais. O rio é sinônimo de vida; terra e água formam uma só base material e simbólica que não cabe separação; bem sabem os Truká em sua sábia filosofia. Poderíamos aprender com eles velhas lições que a separação da natureza, em nome da técnica, nos impôs. Os Truká sabem que sobre o seu território pairam as ameaças da modernidade que recorrentemente nos fazem lembrar uma noção deixada pelo velho Marx que no Manifesto Comunista afirmou: “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Referia-se o filósofo comunista aos processos autofágicos da modernidade capitalista e as suas conseqüências.

Que a resistência dos Truká ultrapasse essa fronteira móvel da modernidade e reedite com suas práticas culturais velhas filosofias para a continuidade desse grupo étnico, por quem temos grande respeito.

O campo é assim.... a gente vai e vem. Ao fazer esse relato fiquei lembrando dos companheiros de viagem comigo adentrando aos sertões, na busca de entender o Brasil. Naquela ocasião eram alunos, hoje são profissionais que formam outros e que assim como eu sonham com um país onde o respeito às diferenças signifique liberdade e não aprisionamento. No retorno a esse tema minha gratidão pelo apoio¹⁷ a esses velhos companheiros de muitas crenças e jornadas.

Notas

¹ Tonho de Chiquinho. Disponível em: <http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php>. Acesso em: 11 de julho de 2007

² Cf. Rodrigues, Maria de Fátima Ferreira. Sertão no Plural: da linguagem geográfica ao território da diferença. (2001), Universidade de São Paulo (Tese de doutorado).

³ Um trabalho de cunho geográfico que possibilitou melhor dimensionar o crescimento econômico e as transformações ocorridas na paisagem, na região de Petrolina Juazeiro dos anos 50 do século passado até os tempos atuais é: AZEVEDO, Aroldo. A Região de Juazeiro e Petrolina In: Regiões e Paisagens do Brasil. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1952.

⁴ Um trabalho de cunho geográfico que possibilitou melhor dimensionar o crescimento econômico e as transformações ocorridas na paisagem, na região de Petrolina Juazeiro dos anos 50 do século passado aos tempos atuais é: AZEVEDO, Aroldo. A Região de Juazeiro e Petrolina In: Regiões e Paisagens do Brasil. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1952.

⁵ Busquei apoio em trabalhos de cunho geográfico onde de forma direta ou indireta, se coloca a discussão sobre o Trabalho de Campo. Cf. Ratts, Alecsando J. P. Entre os Povos Invisíveis In: Fronteiras Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), São Paulo: USP, 1995. Katz, Cindi. Jugando en el campo: Cuestiones referidas al trabajo de campo en Geografía. Universidad de la Ciudad de Nueva York: Professional Geographer. Vol 46 (1), febrero, p. 67-72, 1994.

⁶ As instituições por nós elencadas anteriormente a viagem, com o objetivo de no campo, estabelecermos contato e obtermos informações sobre o sertão, foram: o IBGE, as IES, as Bibliotecas Públicas, as Casas de Cultura, as Prefeituras Municipais, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais e os Museus. Nos propúnhamos também a procurar grupos de danças folclóricas, pessoas idosas ou estudiosos comprometidos com o registro da cultura local.

⁷ Foi de grande valia para o entendimento de como e porque fazer o Trabalho de Campo "Pelos Sertões" as leituras, orientações e discussões que permearam o curso "O Trabalho de Campo em Antropologia", ministrado pelo Professor Kabengelê Munanga, no segundo

semestre de 1995, na Universidade de São Paulo. A este Professor agradeço as contribuições dadas no sentido de fundamentar meu projeto de pesquisa.

- ⁸ No Cap I - item 1.2 – Da semi-aridez aos contornos simbólicos, relato o percurso desde as primeiras descobertas até a delimitação do tema. Grande parte das leituras e reflexões feitas nesta fase da pesquisa, serviram de aporte à delimitação do campo.
- ⁹ Em 2000 uma equipe de professores do Departamento de Geografia da UFPB realizou um trabalho de campo nessa mesma localidade sob juntamente com a Profa Doralice Sátyro Maia, Carlos Augusto Amorim Cardoso e Maria do Rosário Ferreira . Na ocasião fomos recebidos por Dona Lurdes, liderança Truká.
- ¹⁰ Além das fontes já citadas fui buscar as informações complementares a este relato em livros, panfletos, artigos, notas, teses e depoimentos obtidos no decorrer do Trabalho de Campo. Estas fontes estão citadas de forma direta ou indireta. Também fundamentam e ilustram este relato as informações e fotografias obtidas no Trabalho de Campo.
- ¹¹ Em conversa com a antropóloga Mércia Rejane, em outubro de 1998, ela afirmou que a denominação Turká, ao invés de Truká, mantida por ela em sua pesquisa de mestrado, deu-se em respeito à forma como os índios pronunciavam o nome da tribo antes da chegada de FUNAI para delimitação da área. Vale salientar que manteve a denominação Truká, porque quando os conheci os próprios índios assim se autodenominaram.
- ¹² Porantim. Em Defesa da Causa Indígena, Ano XXVI. No 274 – Brasília-DF, abril de 2005.
- ¹³ AMORIM, Siloé Soares de. Notas etnográficas: A construção da auto-imagem de povos indígenas ressurgidos Os Tumbalalá, os Kalankó e os Karuazu, Kóiu panká e Catókinn – II In: <http://www.studium.iar.unicamp.br/13/5.html?studium=2.html> Acesso em 20/03/2007.
- ¹⁴ Dada a riqueza do depoimento obtido, por meio da entrevista concedida por Dona Lurdes, com a participação do seu filho Ailson e de seu esposo o Sr. Wlisses, esta entrevista passou a constituir um anexo a tese de doutorado já mencionada nesse texto.
- ¹⁵ ARRUTI, José Maurício Andion. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n 15, jan./jun., p. 57-94, 1995.
- ¹⁶ PAJEÚ, Edna Bezerra. Disponível em: <http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php>. Acesso em: 11 de julho de 2007
- ¹⁷ Participaram desse campo comigo Ednilza Barbosa, William Guimarães e Martha Priscilla.

Referências

AMORIM, Siloé Soares de. Notas etnográficas: A construção da auto-imagem de povos indígenas ressurgidos Os Tumbalalá, os Kalankó e os Karuazu, Kóiuupanká e Catókinn – II In: <http://www.studium.iar.unicamp.br/13/5.html?studium=2.html> Acesso em 20/03/2007

ARRUTI, J. M. A morte e vida do nordeste indígena: A emergência étnica e o fenômeno regional. FGV; Rio de Janeiro, 1993 (Revista Estudos Históricos v.15). Disponível em: www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/165.pdf. Acessado em: 13/11/2005.

ARRUTI, J. M.. Emergência dos “remanescentes”: Nota para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana Vol.3; Rio de Janeiro, 1997 ISSN:0104-9313. Disponível em: www.scielo.br. Acessado em: 13/11/2005.

AZEVEDO, A. A Região de Juazeiro e Petrolina In: Regiões e Paisagens do Brasil. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1952.

BATISTA, Mercia Rejane Rangel. De caboclos da assunção a índios Truká (Dissertação de Metrado). Rio de Janeiro: Museu nacional, 1992

COLLIER JUNIOR, J. A antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973

DA MATTA, R. Trabalho de campo In: Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GEERTZ, C. “Do Ponto de Vista dos Nativos” a natureza do entendimento antropológico in O Saber Local. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1998.

GODOLPIM, N. A Fotografia Como Recurso Narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre-RS: ano 1 n. 2, 1995.

HAESBAERT, R. O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil; 2004.

_____. Territórios Alternativos. Ed. Contexto, São Paulo, 2002.

KAYSER, B. O Geógrafo e a Pesquisa de Campo In: Seleção de Textos 11. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1985.

KATZ, C. Jugando en el campo: Cuestiones referidas al trabajo de campo en Geografía. Universidad de la Ciudad de Nueva York: Professional Geographer. Vol 46 (1), febrero 1994: 67-72;

LACOSTE, Y. A Pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. In: Seleção de Textos. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros. s/d. [19]

LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

PORANTIM. Em Defesa da Causa Indígena, Ano XXVI. No 274 – Brasília-DF, abril de 2005.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ed. Ática, 1993. (Série: Temas)

RATTS, A. J. P. Entre os Povos Invisíveis In: Fronteiras Invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), São Paulo: USP, 1995.

_____. A geografia entre as aldeias e os quilombos – Territórios etnicamente diferenciados IN ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecssandro J.P (Orgs): Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003.

RATZEL, F. Ratzel – Geografia. Ed.Ática, 1990. (Coleção: Grandes Cientistas Sociais nº59)

RODRIGUES, M. de F. F. “Terra Camponesa como (re)criação – Genealogia do Lugar e da Paisagem”. São Paulo, 1994. Mestrado em Geografia USP (Dissertação de Mestrado).

Rodrigues, Maria de Fátima Ferreira . Sertão no Plural: da linguagem geográfica ao território da diferença. (2001), Universidade de São Paulo (Tese de doutorado)

SADER, Maria Regina C. de Toledo. Espaço e Luta no Bico do Papagaio. USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, São Paulo, 1986.

SAMAIN E. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre-RS: ano 1 n. 2, 1995.

SHERER, J. Documento Fotográfico: Fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. In: Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996. Nº1.

SILVA, A. C. da. Natureza do Trabalho de Campo em Geografia Humana e suas Limitações In: Revista do Departamento de Geografia. USP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1982.

SPIX e MARTIUS. Viagem pelo Brasil 1817 - 1820. Vol. II, São Paulo: Melhoramentos, 3ª Edição, 1976.

TRAVASSOS, S. D. Fotografia e construção etnográfica. In: Cadernos de Antropologia e Imagem, n. 3 UERJ, NAI, Rio de Janeiro: 1996.

VALVERDE, Orlando. Estudos de Geografia Agraria Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.

WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. IBGE, Rio de Janeiro, 1958.

ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas In: Cardoso, Ruth. A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.